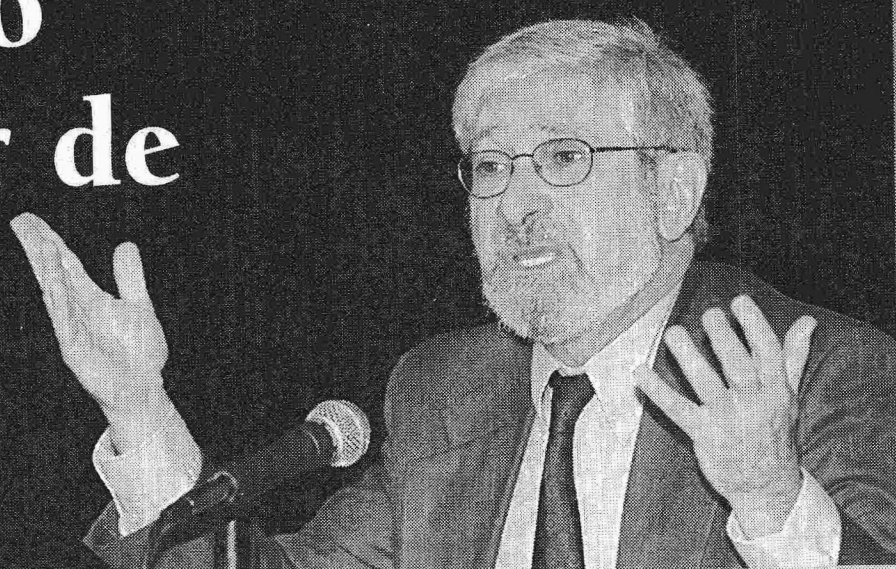


TUDO O QUE OS BRASILEIROS PRECISAM SABER SOBRE A ECONOMIA ATUAL

O ABC do professor de Malan



Albert Fishlow

Economista do Council On Foreign Relations - EUA

Se o sucesso dos discípulos engrandece o professor, o economista norte-americano Albert Fishlow não tem do que reclamar. Afinal quatro de seus ex-alunos ocupam postos estratégicos no Governo brasileiro. Passaram pelos ensinamentos de Fishlow no Council on Foreign Relations, dos Estados Unidos, nada menos do que o ministro da Fazenda,

Pedro Malan, os presidentes do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), Andrea Calabi, e do Banco do Brasil, Paulo Zaghen, além do presidente do Conselho Administrativo de Defesa Econômica (Cade), Gesner de Oliveira.

Não se sabe quem influenciou quem, entre ele e Malan, mas é certo que os dois têm posições afinadas sobre a eco-

nomia brasileira. Como Malan, Fishlow acha que o Brasil tem que concentrar esforços na Educação e não pode abrir mão da busca do equilíbrio fiscal das contas públicas. E, igual ao ministro da Fazenda, o economista norte-americano não gosta nem de ouvir falar na tese de que deve-se tolerar alguma inflação para que o crescimento da economia brasileira venha mais rápido. "Já

vimos isso antes. Logo, a inflação aumenta e voltamos à situação anterior".

Durante a 33ª Convenção Nacional dos Supermercados, promovida semana passada no Rio pela Associação Brasileira de Supermercados (Abras), Fishlow falou o que pensa sobre a economia mundial e brasileira.

AGUINALDO NOGUEIRA

Redator de Economia do JORNAL DE BRASÍLIA

A Argentina - A Argentina não deverá fazer qualquer mudança no seu sistema cambial nos próximos dois anos. Não é o momento para o país criar qualquer dificuldade de credibilidade e isso ocorrerá se houver mudanças no peso. Mas o país não caminha para uma crise de grandes proporções, como alguns dizem. Até porque já há sinais de recuperação da economia argentina.

Blocos-Moedas - A tendência é que os blocos comerciais avancem para criar moedas regionais. O Nafta (que reúne Estados Unidos, México e Canadá) por exemplo, deverá ter o dólar norte-americano como moeda, o bloco asiático, o iene japonês. O Mercosul deverá seguir o mesmo caminho, mas numa velocidade menor que a de outros blocos. Não há possibilidade de se ter uma moeda única para todo o mundo.

Crises - A globalização mudou o próprio perfil das crises econômicas mundiais e isso pode ser visto pela própria ajuda dos organismos financeiros internacionais. As crises hoje exigem a participação de todo o mundo, como se viu no caso brasileiro. Antes, US\$ 5 bilhões de ajuda era uma quantia muito elevada. Hoje, a ajuda chega a US\$ 40 bilhões. Também o processo de recuperação dos países atingidos é muito mais rápido. Antes demorava-se pelo menos uma década para um país se recuperar de uma crise. Hoje, a recuperação vem em um ou dois anos.

Comércio Exterior - As barreiras tarifárias continuarão a cair e o volume de comércio internacional tende a aumentar muito mais do que o

crescimento da produção mundial. A partir de novembro, com a chamada "Rodada do Milênio", as tarifas sobre os produtos agrícolas impostas pelos Estados Unidos e Europa também entrarão em processo de redução.

Câmbio no Brasil - O Brasil terminará este ano com uma taxa de câmbio entre R\$ 1,70 e R\$ 1,75. E no próximo ano, a variação do câmbio não deverá ultrapassar de 5%, uma taxa próxima à que se espera para a inflação, principalmente por causa do aumento das exportações. As exportações de produtos manufaturados devem crescer no próximo ano.

Choque de petróleo - O choque de petróleo está dentro de cenário de recuperação dos preços das commodities e isso pode até ser bom para o Brasil, que tem metade de suas exportações sustentada por produtos primários.

Desemprego - Não vejo a tecnologia como fator gerador do desemprego e o melhor exemplo disso são os Estados Unidos. Os americanos lideraram o processo tecnológico na produção e hoje têm a menor taxa de desemprego dos últimos 40 anos. O Chile tinha 24% de desemprego na década de 70 e hoje tem 4%. Também no Brasil não está havendo desemprego por avanços tecnológicos. Eles podem desempregar em setores tradicionais, mas cria oportunidades novas em outras áreas. Nos Estados Unidos, por exemplo, 70% do Produto Interno Bruto (PIB) vêm do setor de serviços. O problema é o baixo nível educacional. A educação tem que ser prioridade, porque ela será cada vez mais necessária no processo de tecnologia, que veio para ficar.

Equilíbrio Fiscal - Não há outra saída senão eliminá-lo. Até os Estados Unidos já se deram conta disso e trabalham hoje com superávit. Vai haver um aumento da poupança interna que virá dos superávit das contas públicas. O superávit cria a poupança interna, cria a possibilidade de investimento, que garantirá o crescimento futuro.

Exportações - Haverá um crescimento. O que ocorre no Brasil é a falta de continuidade. Cresce-se muito durante algum tempo e depois há uma estagnação. Além disso, o Brasil e a América Latina precisam ampliar suas exportações de manufaturados.

Educação - O Brasil e a América Latina têm carências nesta área. No caso brasileiro, por exemplo, há um gasto enorme no nível universitário, que representa 50% dos gastos totais com a Educação. Isso tem que mudar. O Estado tem que gastar mais com os pobres e deixar de gastar com os mais ricos.

Fusão de Empresas - O processo de fusão de empresas, um movimento típico da globalização, veio para ficar. O movimento que começou nos Estados Unidos e já chegou à Europa logo estará também entre os países asiáticos, especialmente o Japão.

Inflação X Crescimento - Não podemos imaginar crescimento com pequena inflação, como algumas correntes brasileiras defendem. Isso não funciona. Logo, a inflação aumenta e volta à situação anterior. O Governo não pode abrir mão do controle da inflação. O problema é que há uma procura por resul-

tados imediatos e as pessoas acabam não entendendo as mudanças ocorridas nos últimos cinco anos. Hoje, as tarifas no Brasil são muito mais baixas e as empresas produzem com muito mais tecnologia.

Juros - Há necessidade de se criar um processo contínuo de redução dos juros. Não se pode ir em ciclos, porque logo haverá necessidade de parar o processo.

Pequena Empresa - Apesar da concentração empresarial, as pequenas empresas não acabarão. Ao contrário, nota-se um crescimento muito rápido delas. Basta ver o que ocorre por exemplo, com as empresas de informática. O que vai determinar a vida das pequenas empresas é a capacidade tecnológica. Mas as empresas têm que ser eficientes. Defender a pequena empresa ineficiente não é a melhor maneira de crescer.

Previdência - O Brasil começa a tratar os seus problemas e isso é notado principalmente e relação à Previdência. Há um processo contínuo de discussão da Previdência. Não há outra saída senão criar um sistema que sustente a Previdência no futuro.

Privatização - Em todo lugar, mesmo na Europa, as grandes companhias estão sendo privatizadas. Tony Blair (primeiro-ministro inglês) é trabalhista, mas não mudou nada na política de privatização, iniciada por Margareth Thatcher. O processo de privatização está diretamente ligado ao processo tecnológico. As empresas precisam fazer enormes gastos para acompanharem os avanços tecnológicos.